

COMENTÁRIO BÍBLICO

2º Domingo depois da Páscoa – Ano A

26abril2020

Atos 2,14^a.36-41; Salmo 116,11-18; I Pedro 1,17-23

S. Lucas 24,13-35

¹³Nesse mesmo dia iam dois dos discípulos para uma aldeia chamada Emaús, a cerca de onze quilômetros de Jerusalém. ¹⁴Pelo caminho conversavam a respeito de tudo o que sucedera. ¹⁵No meio da conversa, Jesus aproximou-se e pôs-se a caminho com eles. ¹⁶Mas os seus olhos estavam incapazes de o reconhecer. ¹⁷Jesus perguntou-lhes: «Que é que vão a discutir pelo caminho?» Eles pararam, com ar muito triste. ¹⁸Um deles, que se chamava Cléofas, respondeu: «Serás tu o único visitante que não sabe o que se passou em Jerusalém nestes últimos dias?» ¹⁹E ele: «Mas que aconteceu?» Eles responderam: «Aquilo que se passou com Jesus de Nazaré que era um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de toda a gente. ²⁰Os nossos chefes dos sacerdotes e as nossas autoridades entregaram-no para ser condenado à morte e pregaram-no numa cruz. ²¹E nós esperávamos que fosse ele quem viria libertar Israel! Mas com todas estas coisas, já lá vão três dias desde que isto aconteceu. ²²É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram em sobressalto, porque foram de madrugada ao sepulcro ²³e não encontraram lá o corpo. Depois vieram dizer-nos que tinham tido uma visão de anjos a anunciar-lhes que ele estava vivo. ²⁴Alguns dos nossos companheiros foram logo ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas a Jesus não o viram!»

²⁵Jesus, por fim, disse-lhes: «Mas que falta de entendimento e que lentidão a vossa para acreditar em tudo o que os profetas disseram! ²⁶Então o Messias não tinha que sofrer tudo isso antes de ser glorificado?» ²⁷E pôs-se a explicar-lhes o que acerca dele se dizia em todas as Escrituras, começando pelos livros de Moisés e seguindo por todos os livros dos profetas. ²⁸Quando chegaram à aldeia para onde iam, Jesus fez como quem ia para mais longe. ²⁹Mas eles convenceram-no a ficar: «Fica connosco, porque já se está a fazer tarde; já é quase noite.» Jesus entrou e ficou com eles. ³⁰Quando estavam à mesa, pegou no pão, deu graças a Deus, partiu-o e dividiu-o com eles. ³¹Foi nessa altura que se lhes abriu o entendimento e o reconheceram, mas nisto ele desapareceu. ³²Diziam então um para o outro: «Não é verdade que o coração nos ardia no peito, quando ele nos vinha a falar pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»

³³Levantaram-se imediatamente e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os onze apóstolos reunidos com outros companheiros ³⁴que lhes disseram: «É verdade que o Senhor ressuscitou! Simão já o viu!» ³⁵Os dois que vieram de Emaús contaram-lhes então o que lhes acontecera pelo caminho, e como o tinham reconhecido no partir do pão.

1. O encontro entre Jesus ressuscitado e os dois discípulos no caminho de Emaús é um dos episódios mais fascinantes das Escrituras cristãs. Teólogos, pintores e poetas, ao longo dos séculos da cristandade, foram atraídos pela sua expressão humana e seus múltiplos significados. Houve até quem se lhe referisse como “uma parábola da vida da Igreja pós-Páscoa, andando com Cristo pelo longo caminho da história a conhecê-Lo na Palavra e no partir do pão.” (Maria Boulding, “Gateway to Resurrection”). Na leitura atenta do relato

percebemos as conexões entre alegria e tristeza, exaltação e cansaço, fracasso e sucesso, e memória do passado e esperança para o futuro. O seu clímax – o partir do pão – decorre de um simples ato de hospitalidade e boas-vindas para com um estranho misterioso. Ou seja, no confronto dos dilemas maiores da existência humana – as perguntas sobre o sofrimento e a morte – podemos ver naquela história a ambiência de cada vida cristã tateando no poder transformador da ressurreição.

2. A história apresenta-se com várias aspetos a explorar. Eis alguns.

◦ «No meio da conversa, Jesus aproximou-se e pôs-se a caminho com eles. Mas os seus olhos estavam incapazes de o reconhecer.» - (v^{os} 15 e 16).

Que bela a imagem do caminhar de Jesus com os dois discípulos. 'Caminhar com' é privilégio de quem sente a necessidade de outrem para ir e vir. Ali se apresenta Jesus Cristo como o prisma que expressa o mistério do encontro da graça de Deus com a humanidade. Mas os discípulos não o reconheceram. Na verdade, nas aparições do ressuscitado narradas por Lucas e João os discípulos não reconhecem o Senhor no primeiro instante, somente após uma palavra ou sinal (Lucas 24; João 20 e 21). Então, o que parece é que Lucas nos quer dizer que o Jesus do caminho de Emaús não tem o mesmo aspeto daquele que sofreu e morreu na cruz do Calvário.

◦ «E pôs-se a explicar-lhes o que acerca dele se dizia em todas as Escrituras» (v^o 27).

As Escrituras e Jesus Cristo interpretam-se. "Palavra e Palavra pertencem um ao outro." (Clare Amos). É através das palavras de Jesus para seus companheiros que as escrituras são 'abertas' para eles. Por sua vez, as Escrituras permitiram que os companheiros (e a igreja primitiva) entendessem mais sobre quem viajou com eles até Emaús. A 'abertura' das Escrituras na explicação de Jesus (v^o 27) e a 'abertura' do entendimento dos dois viajantes no partir do pão (v^o 31) também estão ligadas. Essa conexão parece ter uma intenção deliberada. Sugere-se ali que ao abrirmos as Escrituras os nossos olhos se abrem gradualmente para contemplar o que está diante de nós sob uma nova luz. Por isso os dois discípulos sentiam que o coração lhes «ardia no peito».

3. Lembrar é parte essencial da fé bíblica. Ora, a história do caminho para Emaús testemunha a importância da memória. Jesus lembrou-lhes o que diziam as Escrituras sobre si, desde Moisés até ao último dos profetas. Os discípulos ao verem Jesus partir o pão lembraram-se da última ceia e reconheceram-no. A memória é o que restabelece a presença de Jesus na história. Mas, tenhamos presente que a memória que guarda recordações (informações, datas, etc) por si só não determina comportamentos nem modifica a vida. Só a recordação da "paixão, morte e ressurreição" de Jesus é o vínculo da união com Ele, o que transforma a fé numa verdadeira "convicção" que, por sua vez, se traduz em comportamentos no nosso viver.

Em suma, a história do Caminho de Emaús é um ir e retornar. Vão de esperança perdida (*nós esperávamos...*). Acolhem o *caminhante desconhecido*, escutam-no e convidam-no para jantar. Acolher o *caminhante desconhecido* é acolher a Deus. Assim a Palavra de Deus toca-lhes o coração e abrem-se-lhes os olhos para reconhecer Jesus no "partir o pão". Então, recuperam a esperança e com ela a alegria e *voltam...* É o retorno. Um percurso para a nossa fé como crentes a caminho.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana